 *Roteiro de viagem com*

D. AFONSO HENRIQUES

Sonhar Portugal



CASTELOS E MURALHAS DO MONDEGO

ROTEIROS DE VIAGEM históricas



D. Afonso Henriques
D. Gualdim Pais
D. Sesnando Davides



Monumentos da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego

- 1 - Torre de Almedina e Torre de Anto (Coimbra)
- 2 - Castelo da Lousã
- 3 - Antigo Castelo de Miranda do Corvo
- 4 - Castelo de Penela
- 5 - Castelo do Germanelo
- 6 - Castelo de Soure
- 7 - Castelo de Pombal
- 8 - Antiga Torre e Fortaleza de Buarcos
- 9 - Castelo de Montemor-o-Velho

N: 1109
F: Coimbra, 06.12.1185

D. AFONSO HENRIQUES

Sonhar Portugal



Percurso Circular
Partida / Chegada: Coimbra

Distância total: 121 Km



► SIMBOLOGIA

Visita aos monumentos:

Centro Interpretativo

Brochura

Painel Informativo no local

Visita guiada

Serviço de áudio-guia

Consulta a outros roteiros desta coleção:

(RSD) Roteiro de D. Sesnando Davides; (RGP) Roteiro de D. Gualdim Pais.

Este roteiro acompanha a materialização de um Sonho com a dimensão de um País que perdura há quase 900 anos. É quando o Mondego faz de linha de fronteira entre cristãos e muçulmanos que tudo se começa a concretizar. Coimbra surge como capital, a partir de onde se ampliará o reino para sul.

Os monarcas seguintes completarão o sonho. Afonso Henriques fica a repousar aqui, onde tudo começou.

Não se sabe ao certo onde nasceu, se Guimarães, Viseu ou Coimbra. Mas pouco importa, pois as atenções centram-se na obra que fez nascer a 24 de junho de 1128 nos campos de São Mamede, durante a *primeira tarde portuguesa*.

Estrategicamente, em 1131, estabelece a corte em Coimbra. Aqui decide e daqui ordena a estrutura da defesa militar, a nova organização do território e das gentes. É desta capital que parte para sucessivas campanhas militares que, gradualmente, colocam a linha de fronteira mais a sul, até passar a linha do Tejo. Pelo caminho, no campo da Batalha de Ourique, em 1139, os seus aclamam-no rei. A chancelaria régia passa a referir nos pergaminhos aquilo que a Santa Sé irá demorar 40 anos a reconhecer: um Portugal independente e D. Afonso Henriques o seu rei.

O monarca transforma Coimbra na capital do reino, criando uma sólida cintura defensiva que herda de Sesnando Davides, com castelos e torres que hoje integram a Rede de Castelos e Muralhas do Mondego (fortificações medievais de Coimbra, Lousã, Miranda do Corvo, Penela, Germanelo, Pombal, Soure, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz). Como forma de fortalecer este território, Afonso Henriques outorga várias cartas de foral. Em 1147, reconquista Santarém e Lisboa e a linha de fronteira passa então para o vale do Tejo. Não obstante, a região de Coimbra respira no seu reinado um profundo protagonismo. Entre as obras que promoveu na cidade, o Mosteiro de Santa Cruz, é escolhido para seu último repouso, onde hoje descansa num dos mais belos túmulos nacionais.

... edificada sobre uma montanha, rodeada de boas muralhas, rasgadas por três portas e mui bem fortificada. Coimbra, no início do séc. XII, segundo o geógrafo Idrici.

1 COIMBRA

A primeira capital do reino

Os primeiros passos deste roteiro acompanham o tempo em que Coimbra, eleita sede do jovem Reino, vê reconstruída a ponte sobre o Mondego e fundado o Mosteiro de Santa Cruz; serem reerguidos em linguagem românica templos dos quais ainda encontramos a Sé Velha, as igrejas de São Salvador e de Santiago. Mas também as já desaparecidas ou profundamente alteradas igrejas de São João de Almedina, São Pedro, São Cristóvão e S. Bartolomeu.

► TORRE DE ALMEDINA

Núcleo da cidade muralhada

Cronologicamente anterior ao primeiro rei português, esta é a mais notável torre da cerca muralhada medieval e, no tempo de Afonso Henriques, defendia uma das principais entradas na cidade. Por isso, o roteiro tem aqui o seu início. No interior da Torre encontra uma maquete da cidade medieval. Detenha-se sobre o antigo Castelo de Coimbra e sobre os edifícios então existentes. (👁️ RSD)



Torre de Almedina / GPS: 40°12'31,86"N; 8°25'43,49"W



COIMBRA E A FORMAÇÃO DO REINO

O governo de Afonso Henriques passou, a partir de 1131, a ter como centro decisor a cidade de Coimbra, quando aqui se fixa a corte. Este facto evidenciou o projeto de alargamento dos seus domínios, consubstanciado com novas conquistas a sul, com uma nova organização administrativa do território e dos exércitos (recrutando guerreiros, estimulando promoções de peões a cavaleiros vilãos) e

com as iniciativas de fixação da população. Coimbra passou a ser capital de um reino emergente, respirando um novo dinamismo com expressão material na fundação de instituições religiosas com fortes ligações ao poder, mas também num importante surto construtivo de renovada linguagem artística, assistindo-se à expansão do românico em Portugal.

Agora que já conhece Coimbra medieval, propomos uma visita pelos elementos que dela ainda perduram. Sigamos pois pela Rua Fernandes Tomás, cujas casas do lado direito se apoiam na muralha e escondem a Torre do Trabuquete e a Torre de D. Joana. Atingimos a Couraça de Lisboa no ponto onde existiu a Porta e Torre de Belcouce. A acentuada subida da Couraça justifica uma paragem de descanso com uma das mais magníficas vistas sobre o Mondego.

A PRIMEIRA PONTE SOBRE O MONDEGO

Já nada resta visível da ponte romana que cruzou o Mondego e que, logo após a instalação da corte, Afonso Henriques decide refazer (1131/1132). Principal acesso à cidade e de circulação norte-sul, a intervenção na ponte reaproveita os pilares romanos, constrói novos arcos e um novo tabuleiro. A ponte resistiu ao assoreamento do rio, sofrendo uma grande reforma com D. Manuel I. Em 1873 a ponte é demolida. Em 1875, as modernas opções tecnológicas permitem instalar uma ponte metálica com tabuleiro de madeira, que vem depois a ser desmantelada, surgindo ao lado a atual ponte de Santa Clara (1950).

Continuando, chegamos ao local onde se encontrava a Porta da Traição (*Genicoca* ou de *Iben Bodron*). Atingindo o Largo de D. Dinis encontramos no ponto onde outrora existiu o Castelo de Coimbra. Provavelmente erguido por D. Sesnando, nada dele resta

visível. Sabe-se que Afonso Henriques ordenou a sua modernização, edificando a torre de menagem, quadrangular, de 22m de altura e com uma cisterna. Na época pombalina (c. 1770), a intenção de utilizar o local para construção de um observatório astronómico leva à sua quase completa destruição. O golpe final é dado na década de 1940, aquando das

obras da Cidade Universitária. Desde 1950 que D. Dinis, fundador da Universidade portuguesa, afirma a sua majestade exatamente sobre o local onde o seu trisavô implantou a torre de menagem.

Sigamos em direção à Porta Férrea, entrada do Paço das Escolas, para nos posicionarmos no local da antiga alcaçova e depois Paço Real.



► PAÇO DAS ESCOLAS — (séc. XI) Monumento Nacional

Foi aqui que, sob domínio muçulmano, em torno do ano 1000, foi erguido o Alcácer (residência fortificada destinada ao governador da cidade islâmica). A escolha do local foi estratégica, num dos pontos mais altos e de melhor visibilidade sobre o rio e a estrada. Na sua origem, o Alcácer correspondia a um quadrilátero regular de 80m x 80m, dotado de torres semicirculares, cujas bases são ainda evidentes na fachada norte. A Porta Férrea (1634) encontra-se no mesmo local da primitiva porta do Alcácer. Após a reconquista da cidade em 1064, este espaço manteve-se como sede do poder. Certamente aqui residiram D. Henrique e D. Teresa, condes de Portucale. Também Afonso Henriques, ao transferir a corte para Coimbra, manteve este espaço como centro do poder. Sucessivamente acrescentado, o Paço Real permaneceu sem alterações de fundo até ao séc. XVI. Na década de 1540 é adaptado a espaço de ensino.

GPS: 40°12'25,96N; 8°25'33,40"W



A NÃO PERDER: NO PAÇO DAS ESCOLAS
Biblioteca Joanina (séc. XVIII);
Capela de São Miguel (sécs. XVI, XVII e XVIII).

Aproveitemos para apreciar o panorama que, sobre o Mondego, se estende para sul, o quadrante de onde com maior probabilidade poderiam surgir incursões. Regressamos à Praça da Porta Férrea para descer até ao atual Museu Nacional de Machado de Castro. Deste Monumento Nacional, antigo Paço Episcopal (XII) erguido sobre o Forum-criptoportico romano, destacamos o que dele subsiste como testemunho do Paço: uma porta fortificada que dava acesso ao terreiro e que, embora diminuída em altura e com ameias que não originais, apresenta um duplo arco em ferradura, construção de influência moçárabe do tempo de Afonso Henriques. No Largo a norte do Museu encontramos a Igreja de São Salvador (XII), profundamente transformada, de que destacamos a epígrafe que na fachada indica a data do portal (1179), integrando pois o grupo de igrejas que comumente se enquadram no Românico de Coimbra. Percorramos agora as ruínas da Alta até desembocarmos no Largo da Sé Velha.



▶ SÉ VELHA — (séc. XII)

Construída em meados do séc. XII sob o patrocínio do Bispo D. Miguel Salomão e com o auxílio de D. Afonso Henriques, foram seus arquitetos Roberto, Bernardo e Soeiro, os dois primeiros de origem franca. Erguida no centro da Almedina, onde se situava a mesquita, desempenharia funções de catedral até 1772. Constitui um exemplo notável do românico português, que tem na Sé de Lisboa o seu paralelo mais próximo. Em 1185 D. Sancho I, filho de Afonso Henriques, foi aqui coroado rei. Numa parede exterior, uma inscrição islâmica atesta o recurso a mão de obra escrava deixando para a posteridade uma mensagem de fé: “Escrevi isto como recordação permanente do meu sofrimento. A minha mão perecerá um dia, mas a grandeza ficará”. Lateralmente, destaca-se ainda a Porta Especiosa (séc. XVI), obra renascentista patrocinada pelo Bispo D. Jorge de Almeida. (📍 RSD)

GPS: 40°12'31,66" N; 8°25'38,13" O

POSTURAS MUNICIPAIS DE COIMBRA

A 16 de junho de 1145 os homens bons de Coimbra empreendem uma revisão dos costumes da cidade, emanados pelo foral outorgado pelo Conde D. Henrique em 1111. Estas posturas são as mais antigas que se conhecem nacionalmente, o que as torna particularmente importantes. Este ato tem o apoio de D. Afonso Henriques e procura adaptar a cidade à sua nova capitalidade, sede da corte e do Bispado. Particularmente elucidativo da época, as posturas incluem uma lei que determina que: *ninguém tem licença para ir a Jerusalém, mas pode ir em auxílio do castelo de Leiria e de toda a Extremadura, e quem aí morra terá remissão dos pecados igual à dos que fossem a Jerusalém*. Esta reforma passa a garantir a compra e venda de produtos e a preceituar questões de justiça, taxas e serviços.



A NÃO PERDER: EM COIMBRA

Centro Histórico – Alta, Baixinha e Rua da Sofia; Mosteiro de Santa Clara-a-Velha; Sessão de fados.

grande dinamismo comercial, ao mencionarem variadíssimos ofícios e produtos: sapateiros (de pele de vaca, bezerro ou cabra; de couro), comércio de carnes (vacas, perdiz, coelho, cordeiro, galinha), peixe do mar, rio ou marisco e os vendeiros (cera, manteiga, mel, pimenta, azeite, pano, telhas, cântaros, panelas ou assadores). No foral de 1179 mencionam-se vestidos de peles, bragal (tecido grosseiro), anil, linho, alhos, cebolas, vinho, figos e pão.

Cruzamos agora a Porta de Almedina, sob a Torre que já visitámos, e abaixo o Arco de Almedina, uma porta da barbacã que no reinado de D. Manuel I passou a arco. Dirigimo-nos à Praça do Comércio onde poderá visitar a Igreja de Santiago, iniciada depois de 1150 e sagrada em 1206, apreciando sobretudo os portais (da frontaria e lateral). Outros edifícios sofreram intervenções que adulteraram a sua base românica. É o caso do

Mosteiro de Santa Cruz, onde terminaremos o roteiro em Coimbra. Da Praça do Comércio, percorra a Baixinha até alcançar a frontaria da Igreja do Mosteiro de Santa Cruz. Esta é uma amostra da cidade de Coimbra que Afonso Henriques nos deixa em 1185, a capital política, económica, cultural e militar do jovem reino. Deixemos agora que o monarca nos guie pelos territórios em que interveio a sul do Mondego...



▶ MOSTEIRO DE SANTA CRUZ — (séc. XII); Mon. Nacional

Do mosteiro românico fundado em 1131 por D. Telo, S. Teotónio e D. João Peculiar, com o apoio de D. Afonso Henriques, já pouco resta em virtude das muitas transformações posteriores.

A igreja original teria uma só nave, contrafortada por três capelas de cada lado. Na fachada erguia-se uma fortíssima torre, o que em grande parte se justificava por o mosteiro se encontrar fora das muralhas da cidade. Aliás, outras torres (a última das quais destruída em 1935) e uma cerca protegiam este mosteiro cuja importância extravasou em muito a ação religiosa: para além de ser um dos mais relevantes centros de cultura do reino, aqui funcionou a chancelaria régia, aqui encontrou D. Afonso Henriques o apoio diplomático de suporte ao longo processo de autonomização do reino e nele se fez sepultar, entregando à guarda dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho os seus restos mortais.

Foi aliás a propósito da reconstrução das arcas tumulares dos dois primeiros monarcas portugueses, monumentos ímpares hoje colocados na capela-mor, que D. Manuel I ordenou uma profunda remodelação do mosteiro ocorrida nas primeiras décadas do século XVI.

GPS: 40°12'39,28" N; 8°25'44,22" O



▶ De Coimbra para Miranda do Corvo



Seguimos alguns quilómetros pela EN17, a Estrada da Beira, aquela que foi durante séculos a via mais importante de ligação entre Coimbra e Ciudad Rodrigo. Ao nosso lado corre o rio Ceira. Cruzamos este rio em direção a Semide e Miranda do Corvo.

Em SEMIDE ² fazemos uma breve visita à Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Semide.

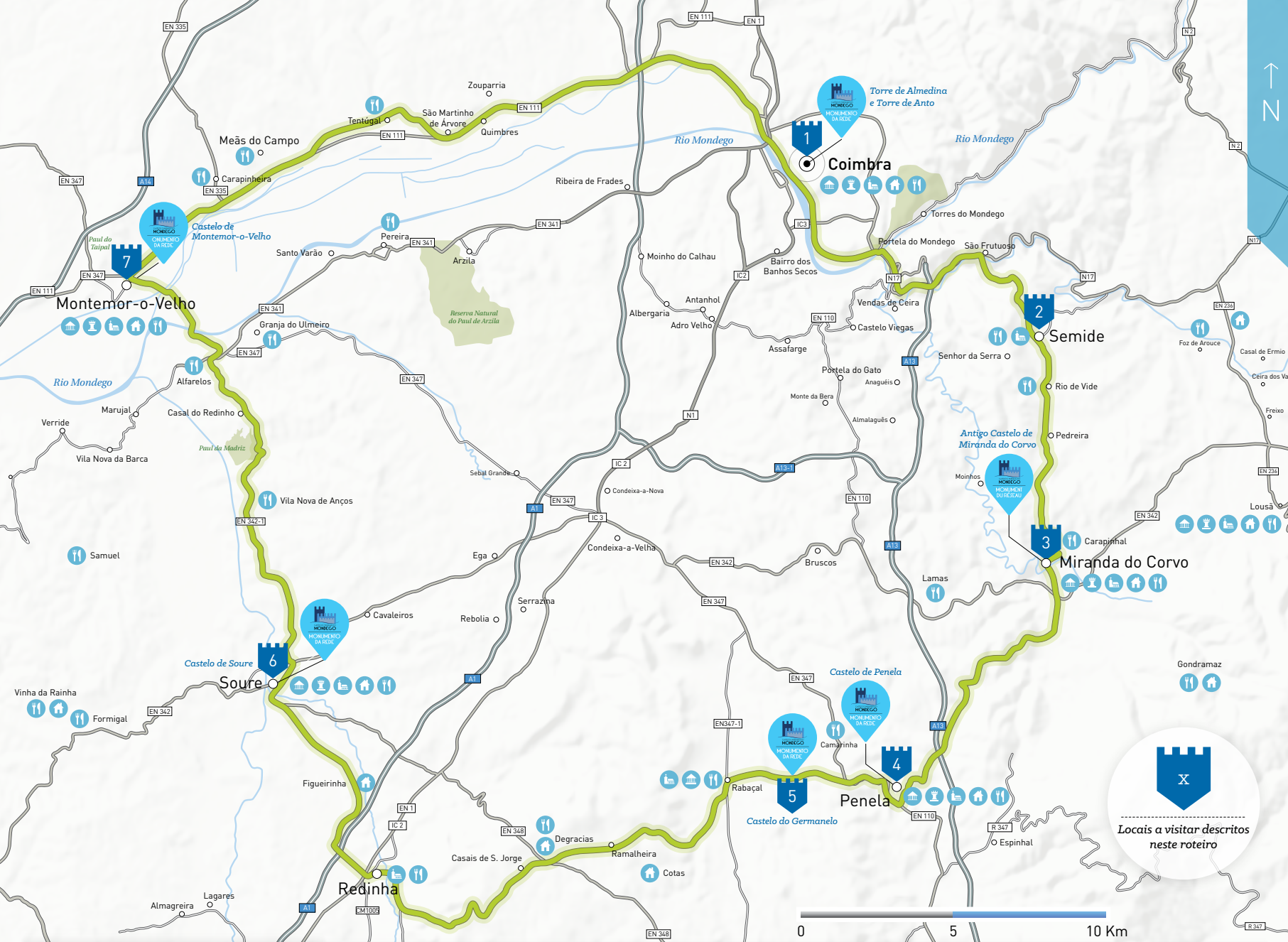
Acolhendo um mosteiro na época afonsina, dele já nada subsiste. O atual edifício foi reformado no séc. XVI, destruído por um incêndio em 1664 e de novo incendiado em 1990, sendo depois restaurado. A igreja é digna de visita, com retábulo em madeira, azulejos, esculturas e o seu órgão de tubos, elementos dos sécs. XVII e XVIII.

No horizonte eleva-se a Serra da Lousã e é para a base das suas encostas ocidentais que agora nos dirigimos.

D. AFONSO HENRIQUES

Cronologia

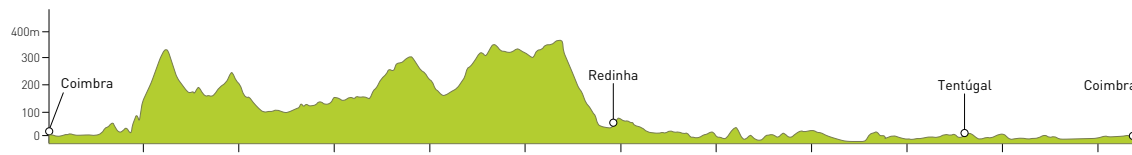
- 1109** — Nasce
- 1128** — [24 de junho] Desencadeia a Batalha de São Mamede
- 1129** — Confirma a doação de Soure à Ordem do Templo
- 1131** — Sedia a corte em Coimbra
- 1136** — Desencadeia o Fossado da Ladeia
- 1136** — Manda construir ou reconstruir o castelo de Miranda do Corvo e concede-lhe Carta de Foral (29 de novembro)
- 1137** — Manda reconstruir o castelo de Penela e concede-lhe Carta de Foral (julho)
- 1139** — Após a Batalha de Ourique (25 de julho), passa a intitular-se Rei
- 1142** — Manda erguer o castelo do Germanelo e concede-lhe Carta de Foral
- 1145** — Apoia as Novas Posturas Municipais de Coimbra
- 1147** — Entrega o território da Ladeia à Ordem do Templo
- 1147** — Conquista Santarém e Lisboa
- 1151** — Concede Carta de Foral a Arouce (Lousã)
- 1179** — Concede Carta de Foral a Coimbra
- 1185** — Morre em Coimbra



Locais a visitar descritos neste roteiro

LEGENDA / SÍMBOLOS

- Castelo
- Monumento
- Museu
- Alojamento
- Restaurante



_desnível acumulado:

- +2161m
- 2161m

Legenda (vias)

- Roteiro de viagem (automóvel e bicicleta)
- Auto-estrada
- Estradas em asfalto

3 MIRANDA DO CORVO

Miranda do Corvo já existia no séc. X, com a povoação estabelecida no morro. Todavia, sobre a origem do seu castelo imperam ainda incertezas. Sabe-se que em 1064, após a reconquista de Coimbra por Fernando Magno, este território passa para domínio cristão, para cuja defesa se ergueria entretanto um castelo. Sob o governo de D. Teresa, Miranda do Corvo volta a ser destruída pela incursão almorávida de 1116, apenas travada às portas de Coimbra. Afonso Henriques, reconhecendo a importância deste local para a defesa da cidade, não só, provavelmente, lhe reconstrói o castelo, como lhe atribui foral, promovendo o seu povoamento.



► CAST.º DE MIRANDA DO CORVO (restos) — (séc. XI, XII)

Um documento de 998, redigido no Mosteiro de Lorvão, já referenciava a existência de uma torre em Miranda do Corvo. O castelo que aqui existia foi atacado e severamente danificado pela expedição almorávida de 1116. Após a sua fixação em Coimbra, Afonso Henriques integra-o no conjunto de fortalezas que constituem a cintura de proteção à cidade, promovendo, entre 1134 e 1136, obras de reconstrução. Adaptado ao longo dos séculos, o seu abandono e ruína determinam a derrocada parcial, ocorrida em 1799. Em 1803 a Câmara autoriza o aproveitamento da pedra da derrocada e da que ainda permanecia nas estruturas do castelo, para a renovação da Ponte do Corvo sobre o rio Alhedra. Por isso, do antigo castelo restam hoje poucos elementos. Apenas uma das suas torres sobreviveu, convertida no séc. XVIII em torre sineira da Igreja Matriz de São Salvador.

A torre quadrangular, recentemente requalificada, foi construída em xisto, com ângulos reforçados por silhares de calcário. Uma campanha arqueológica pôs a descoberto vestígios dos muros do castelo, evidenciando que a estrutura defensiva existente era maior do que se pensava, sendo provável que esta torre sobrevivente se situasse num dos ângulos. Do conjunto resta ainda, no ponto mais elevado do morro, uma cisterna retangular escavada na rocha, coberta inicialmente por uma abóbada semicircular, agora reproduzida. Deve-se igualmente à arqueologia a descoberta de uma necrópole datável dos sécs. XI e XII, com 22 sepulturas rupestres, facto pouco comum.



O **Alto do Calvário** oferece uma vista sobre a vertente ocidental da Serra da Lousã. Avista-se o Trevim, o ponto mais alto da Serra, a 1204m de altitude. À medida que se prolonga para sul a serra vai perdendo altitude. Na parte inferior das encostas é evidente o seu bordo a confrontar com as terras mais baixas onde se localizam a Lousã, (a norte), Miranda do Corvo e Penela, mais a sul.

★ A NÃO PERDER: EM MIRANDA DO CORVO

Parque Biológico da Serra da Lousã; Gondramaz, Aldeia do Xisto; Olarias do Carapinhal.

🏠 ⓘ 📄 🗺️ 📶 🎧 / GPS: 40°05'33,51"N; 8°20'06,82"O



► De Miranda do Corvo para Penela. Pela EN17-1, seguimos agora mais para sul, em direção a Penela, território que marcou também a linha de fronteira na reconquista.

4 PENELA

A sua posição geográfica garantiu uma importância estratégica na defesa de uma das vias mais percorridas pelas forças muçulmanas e cristãs, uma via que ligava Coimbra, Pombal e Santarém, cruzando a zona então designada por Ladeia. A primeira referência a Penela data de 1087 e está diretamente associada a

Sesnando Davides, governador que lhe deu um forte impulso ao erguer um castelo roqueiro e ao repovoá-la.

No centro da vila, a Igreja de Santa Eufémia, erguida no séc. XVI, integra-se no Renascimento Coimbrão. Possui um interessante capitel românico, reutilizado como pia de água benta.



► CASTELO DE PENELA — (séc. XI); Monumento Nacional

A atual estrutura resulta de várias intervenções ao longo dos séculos. Sesnando Davides terá construído (ou reconstruído) a primeira estrutura defensiva que aqui existiu.

É provável que o castelo tenha sido atacado durante a incursão almorávida de 1116, o que, aliado à instabilidade deste território e à sua importância como unidade da cintura defensiva de Coimbra, pode justificar a necessidade de reconstrução, ordenada por D. Afonso Henriques em 1137. Nesta época, o castelejo sesnandino é convertido em torre de menagem. Hoje é difícil distinguir essa intervenção das demais desenvolvidas anos depois, por seu filho, D. Sancho I. Sobre estas, outras se sucederam nos reinados de D. Dinis, D. Fernando I e D. João I. A cerca muralhada foi ampliada nos sécs. XIII e XIV, recebendo então a porta da vila (poente), a dos campos (ou da traição, a noroeste) e a porta do relógio. A configuração do castelo resulta da sua última remodelação, nos finais do séc. XIV. (👁️ RSD e RGP)

🏠 ⓘ 📄 🗺️ 📶 🎧 / GPS: 40°01'53,36"N; 8°23'23,38"O

FORAL DE PENELA (Julho de 1137)

Estamos na linha da frente da reconquista. O castelo é uma estrutura que dá segurança a uma pequena comunidade, mas Afonso Henriques sabe que o foral é determinante para a necessária consolidação deste ponto avançado. Através dele são atribuídos privilégios para atrair e fixar povoadores. Em virtude da localização estratégica e insegura de Penela, o foral permite que qualquer agricultor possa ascender facilmente a cavaleiro: basta que compre cavalo! Qualquer agricultor que possua mais do que dois jugos de bois, dez ovelhas, duas vacas e leite com seus panos (digamos, uma cama digna), é, aliás, obrigado a comprar cavalo, ascendendo a cavaleiro.

LENDA DO PÉ NELA

D. Antão Gonçalves propõe a D. Afonso Henriques reconquistar este castelo. Para tal, insinua-se a Alina, a filha do governador, fazendo-se passar por cristão renegado que por amor iria abraçar a religião muçulmana. Um dia, informados por D. Antão, os cristãos aproveitam uma saída dos mouros e disfarçando-se (imitando moitas), encaminham-se para o castelo. Quando os habitantes do castelo se apercebem, já D. Antão havia aberto a porta dos campos, gritando: "A praça é nossa! Estamos com o pé nela!" Reza a lenda que daí adveio o nome desta povoação.

► IGREJA DE SÃO MIGUEL (primitiva) — (séc. XII)

Embora o foral afonsino de 1137 já referencie uma igreja, só em 1160 surge indicada a dedica-

ção desse templo a São Miguel. Desse templo primitivo já nada subsiste sendo a feição atual

resultado de intervenções ocorridas na segunda metade do séc. XVI e no decurso do século XVII.



A NÃO PERDER: EM PENELA

Villa romana do Rabaçal (séc. IV); Feira de São Miguel (setembro); Queijo Rabaçal.



► **De Penela para o Germanelo.** Deslocamo-nos agora um pouco para oeste, para o território da Ladeia, onde passava a antiga via Lisboa - Coimbra - Braga.



Saimos de Penela para norte pela N110 que abandonamos c. de 1 km depois, desviando à esquerda em direção ao Rabaçal. Depois teremos que efetuar novo desvio à esquerda, seguindo a indicação Castelo. A subida é feita por um estradão de terra-batida facilmente transitável. Escassas centenas de metros volvidos, estacionamos junto ao «placard». O castelo terá que ser reconquistado com um percurso a pé que durará 10 a 12 minutos. Só pela paisagem já vale a pena!



5 GERMANELO

► **CASTELO** (vestígios) — (séc. XII) / *Sítio de Interesse Público*

Após o Fossado da Ladeia (1136), a segurança deste território continuava precária e, por isso, o seu povoamento difícil. Os castelos e torres vizinhas não ofereciam a proteção necessária para sustentar as investidas muçulmanas que utilizavam a antiga via romana. Assim, em 1142, D. Afonso Henriques edifica neste território, a meio caminho entre Penela e Rabaçal, o Castelo do Germanelo num ponto estratégico para o controlo da via. Subsiste parte das muralhas (a atual muralha norte corresponde a uma reconstrução do séc. XX, promovida pelo então proprietário Dr. Salvador Dias Arnaut que, em 1941 adquiriu o castelo em ruínas), bem como uma cisterna.

GPS: 40°01'34,28"N; 8°25'48,65"O

FORAL DO GERMANELO (1142 ou 1144)

Quando Afonso Henriques ergue o castelo do Germanelo, concede-lhe qualidade municipal e magistratura própria. Este é um ponto de penetração em território hostil e o foral vem conceder amplos privilégios aos moradores, procurando garantir a guarnição necessária à sua defesa, mas também o povoamento e a dinamização territorial. Os temerários são tão poucos que, para atrair povoadores, não só as penas são mínimas, como todos os delitos anteriores – mesmo o homicídio – são perdoados! O preço a pagar é a insegurança de se viver na fronteira em plena guerra. Repare-se que o foral estabelece todos os limites do município, à exceção do meridional... Para sul, os germanelenses possuíam o que conseguissem ocupar! E fizeram-no... Em 1220, o concelho chegava ao Zêzere!



Daqui, já no maciço calcário da Serra de Sicó, temos a ocidente o vale do Rabaçal... Para norte, corre o rio dos Mouros! Do outro lado do vale, observamos o flanco sudoeste da Serra da Lousã e adensam-se as elevações calcárias que se desenvolvem para sul, até à Serra de Alvaizere.



► **Do Germanelo para Soure cruzando a Serra de Sicó.**



Dirigimo-nos agora para o Rabaçal. Da vila subimos por Ordem, Chanca (paisagem sobre o vale) e até Casmilo. Ao cruzar a Serra aproveitamos para conhecer este maciço calcário... No Casmilo podemos realizar um pequeno percurso a pé até ao Vale das Buracas, local com invulgares formações geológicas. Subimos depois até à Senhora do Circo e descemos até Vale de Janes. Entramos na N1, seguindo para sul. Em Galiana, saímos para Redinha onde sugerimos uma pequena paragem junto à sua ponte, reerguida na época afonsina. Regresse a Galiana e na N1 siga para sul, até ao cruzamento que por Carromanha nos levará a Saurium, a vila de Soure.



6 SOURE

O Castelo de Soure está intimamente associado a Senando Davides, ao esforço da Ordem do Templo na defesa de Coimbra e ao momento da investida da reconquista para sul. Este Castelo é partilhado pelos três roteiros da Rede, aconselhando-se a consulta dos demais.

Em 1111, os Condes D. Henrique e D. Teresa atribuem Foral a Soure, procurando atrair população, contrapondo com amplos privilégios sociais e fiscais, os perigos eminentes desta zona de fronteira. Dessa insegurança é prova a

incursão almorávida que, em 1116, obrigou a população a abandonar Soure para se refugiar em Coimbra, não sem antes incendiar a vila, todos os bens e colheitas, evitando que fossem tomadas pelo inimigo. Doado o castelo à Ordem do Templo por D. Teresa, ato que o seu filho, Afonso Henriques, comprovou em 1129, Soure tornou-se a casa mãe de um vasto domínio.

A confirmação desta doação por D. Afonso Henriques testemunha a necessidade em consolidar um aro de proteção a Coimbra e a sua intenção de integrar os Templários no seu projeto de expansão territorial.

► IGREJA DE NOSSA SRA. DA FINISTERRA

(vestígios) — (séc. XII)

Junto ao castelo, no largo contíguo, encontramos vestígios da antiga igreja de Nossa Sra. da Finisterra (Fim da Terra!). No séc. XI terá sido criado em Soure um cenóbio (habitação de monges) que foi profundamente abalado pela incursão de 1116. Após este episódio, os irmãos Martinho e Mendo Árias, cônegos da Sé de Coimbra, são nomeados pelo bispo para reconstruir a igreja existente e prestar assistência religiosa. Uma inscrição do séc. XII refere dez anos do reinado de D. Afonso Henriques, atestando a construção ou conclusão da igreja no ano de 1138. A intervenção arqueológica realizada em 1986 permitiu traçar a planta deste templo, enquadrando cronologicamente a necrópole encontrada no séc. XII. O espólio recolhido está disponível no Centro Interpretativo do Espaço Muralhado.

GPS: 40°03'24,71"N; 8°37'34,52"O



A NÃO PERDER: EM SOURE

Museu Municipal de Soure; Igreja da Misericórdia (sécs. XVII e XVIII); Monumento de Interesse Público; Pão-de-Ló e Biscoitos de Azeite.



► De Soure para Montemor-o-Velho



Seguimos agora na EN342, pelas encostas que bordejam o vale do rio Anços. Depois de Alfarelos atravessaremos para norte o rio Mondego. Cruzaremos os campos do Baixo Mondego e avistaremos Montemor-o-Velho. O Paul da Madriz (Rede Natura 2000 - ZPE) poderá ser um ponto de paragem na viagem.

7 MONTEMOR-O-VELHO

O domínio muçulmano designou-a como *Mont Mallur* e *Monte Maior* ficou para os cristãos, sem surpresa pois correspondia à principal estrutura defensiva a ocidente de Coimbra, especialmente atenta aos ataques marítimos.



► IGREJA DE SANTA MARIA DA ALCÁÇOVA

Embora já aí existisse uma igreja no tempo de Sesnando Davides (finais do séc. XI), a feição atual deve-se a uma profunda intervenção ordenada por D. Jorge de Almeida, bispo de Coimbra, nos inícios do séc. XVI. Para além dos azulejos mudéjares, destaca-se o retábulo quincentista, em pedra de Ançã, da capela do lado da Epístola. As pinturas murais da capela do lado do Evangelho remontam ao séc. XVIII. (📍 RSD e RGP)

► CASTELO DE MONTEMOR-O-VELHO — (séc. X a XV);

Monumento Nacional

Já existente no séc. X, durante o domínio islâmico, terá sido reerguido na centúria seguinte, a mando de Sesnando Davides. No séc. XII é ampliado para sul e poente, sendo igualmente dotado de inovações arquitetónicas importantes para a arte da guerra daquele tempo. São disso exemplo a torre de menagem, junto à antiga porta do castelejo, bem como o alambor, bem patente assim que cruzamos a Porta da Peste (porta norte) e que terá sido ordenado pela infanta D. Teresa, em torno de 1211, para resistir ao cerco que o rei, seu irmão, montou ao castelo. No séc. XIV, o Castelo é rodeado por uma extensa barbacã que envolve todo o recinto muralhado. Já no séc. XV, o denominado Paço das Infantas será adaptado a Paço Real, ao mesmo tempo que será construído o cercado norte com o objetivo de albergar as populações vizinhas e os seus animais em caso de ataque. (📍 RSD e RGP)

🏠 📄 📍 🗺️ 📶 / GPS: 40°10'33,22"N; 8°40'57,40"O



A NÃO PERDER: EM MONTEMOR-O-VELHO

Paul do Taipal (Rede Natura 2000 - ZPE);
Centro Histórico.



► De Montemor-o-Velho para Coimbra. Regressamos a Coimbra pela EN341, passando por Alfarelos, Granja do Ulmeiro, Santo Varão e Pereira. Aproveitemos para dar ao roteiro um sabor final... A doçaria brinda assim quem ousou descobrir D. Afonso Henriques e com ele reconquistar parte dos Castelos e Muralhas do Mondego. Delicie-se com as Queijadas de Pereira!

POSTOS DE TURISMO / CONTACTOS

► **Posto de Turismo de Coimbra** (Turismo do Centro)
Tel.: 239 488 120 / Email: info.coimbra@turismodocentro.pt

► **Posto de Turismo Municipal de Coimbra** (Universidade)
Tel.: 939 010 201 / Email: universidade@turismodecoimbra.pt

► **Posto de Turismo Mun. de Coimbra** (Pr. da República)
Tel.: 939 010 084 / Email: info@turismodecoimbra.pt

► **Posto de Turismo Municipal da Figueira da Foz** (Avenida)
Tel.: 233 422 610 / Email: figueiraturismo@cm-figfoz.pt

► **Posto de Turismo Mun. da Figueira da Foz** (Buarcos)
Tel.: 233 433 019 / Email: figueiraturismo@cm-figfoz.pt

► **Posto de Turismo Municipal da Lousã**
Tel.: 239 990 040 / Email: posto.turismo@cm-lousa.pt

► **Posto de Turismo Municipal de Miranda do Corvo**
Tel.: 239 530 316 / Email: turismo@cm-mirandadocorvo.pt

► **Posto de Turismo Municipal de Montemor-o-Velho**
Tel.: 239 680 380 / Email: geral@cm-montemorvelho.pt

► **Posto de Turismo Municipal de Penela**
Tel.: 239 561 132 / Email: turismo@cm-penela.pt

► **Posto de Turismo Municipal de Pombal**
Tel.: 236 210 556 / Email: turismo@cm-pombal.pt

► **Posto de Turismo Municipal de Soure**
Tel.: 239 507 132 / Email: turismo@cm-soure.pt

Castelos e Muralhas do Mondego
Tel.: 911 051 882 / E-mail: geral@castelosemuralhasdomondego.pt
Facebook: facebook.com/castelosemuralhasdomondego
www.castelosemuralhasdomondego.pt



TÚMULO DE D. AFONSO HENRIQUES

Séc. XVI – Estilo Manuelino
COIMBRA

*(Encontra-se no Mosteiro
de Santa Cruz, classificado como
Monumento Nacional)*

A ligação de D. Afonso Henriques ao Mosteiro de Santa Cruz está patente na sua decisão de aqui se fazer sepultar. O seu túmulo original seria uma arca simples e despojada.

Foi D. Manuel I quem, em 1515, mandou construir novos túmulos para os dois primeiros reis de Portugal. Integrados na capela-mor, o de Afonso Henriques do lado do Evangelho e o de Sancho I do lado da Epístola, estão organizados à maneira dos grandes arcos triunfais, tipologia então seguida em portais de igrejas, com destaque para os dos Jerónimos, em Lisboa, ou o do Convento de Cristo, em Tomar.

COFINANCIAMENTO



CASTELOS E MURALHAS DO
MONDEGO

mais
CENTRO
Programa Operacional Regional do Centro

QR
EN
QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL



UNÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional